

Novo estudo refuta a teoria do aumento da desigualdade

institutoliberal.org.br/blog/economia/novo-estudo-refuta-a-teoria-do-aumento-da-desigualdade/

Rainer Zitelmann

07/03/2024

Se você digitar “rising inequality” (em português: aumento da desigualdade) no Google, receberá mais de 75 milhões de acessos. É possível uma tese tão amplamente difundida estar errada?

Se uma tese é repetida centenas de vezes, muitas pessoas acreditam nela; se é repetida milhões de vezes, quase ninguém duvida dela. Os Estados Unidos, em particular, são repetidamente citados como um exemplo de como a “lacuna entre ricos e pobres” está constantemente aumentando. Porém, dois especialistas do Escritório de Análise Tributária do Departamento do Tesouro dos EUA e do Comitê Conjunto de Tributação do Congresso dos EUA agora provaram em **um ensaio de quase 50 páginas** no renomado *Journal of Political Economy* que esta tese simplesmente não é verdadeira.

O economista francês de esquerda Thomas Piketty, que é considerado o principal defensor da tese, calculou que a participação de renda do 1% dos americanos mais ricos mais do que dobrou desde 1962. Entre outras coisas, ele usa isso para justificar pedidos de aumentos dos impostos sobre os ricos de 90% e que todos os jovens sejam “agraciados” com uma quantia fixa de 120.000 euros em dinheiro inicial do Estado.

Os dois autores apresentam um número muito menos dramático. A participação de 1% dos mais ricos na renda pré-imposto nos Estados Unidos aumentou de 11,1% (1962) para 13,8% (2019), ou seja, em 2,7 pontos percentuais. No entanto, após os impostos e os pagamentos de transferência serem levados em conta, o aumento foi de apenas 0,2 pontos percentuais (de 8,6 para 8,8%).

Mesmo com esses números, é importante ter em mente que não são necessariamente as mesmas pessoas cuja riqueza ou participação na riqueza aumenta ao longo dos anos ou décadas. Apenas cerca de 40% daqueles que estavam entre os que mais ganhavam dinheiro conseguiram manter sua posição nos três anos seguintes. Este é um erro comum na discussão em torno da desigualdade, onde as categorias estatísticas são frequentemente confundidas com indivíduos.

Existem várias razões pelas quais os números de Piketty e de Auten & Splinter se distanciam. Primeiro, Piketty não considerou o impacto das mudanças no sistema tributário. Antes de Ronald Reagan reduzir drasticamente os impostos, muitos americanos ricos preferiam manter seus ganhos em empresas C em vez de receber dividendos. Como resultado, esses rendimentos não apareciam em suas declarações de imposto e os americanos ricos pareciam mais pobres do que realmente eram. Após as reformas

tributárias, muitos passaram para as empresas S (entidades “pass-through” corporativas), onde o rendimento pode ser atribuído diretamente aos acionistas individuais e é relatado diretamente nas declarações de imposto dos contribuintes de alta renda.

Outra razão é que Piketty comparou declarações de impostos ao invés de indivíduos. Em 1960, dois terços dos americanos ainda estavam preenchendo declarações de impostos como casais, mas essa proporção agora caiu quase pela metade. No entanto, entre o um por cento mais rico, a proporção daqueles que declaram imposto de renda como casais quase não mudou. Esse efeito por si só faz com que o aumento na participação de renda desse um por cento pareça significativamente maior do que realmente é – se você comparar formulários (declarações de imposto de renda) em vez de pessoas.

Muitas estatísticas não levam em conta impostos e renda proveniente de transferências. Embora os impostos nos EUA tenham sido bastante reduzidos, especialmente durante a era Reagan, inúmeras isenções e modelos de economia de impostos foram abolidos ao mesmo tempo. O resultado, como Phil Gramm, Robert Ekelund e John Early mostraram recentemente em seu excelente livro *The Myth of American Inequality: How Government Biases Policy Debate*, é que o percentual real da renda pago pelos 1% que ganham mais em impostos nos EUA foi de apenas 16,1% em 1962, quando a taxa marginal máxima era de 91%. No entanto, em 1988, quando a taxa máxima era de apenas 28%, a porcentagem paga pelos 1% que ganham mais subiu para 21,5%! Conforme a taxa de imposto mais alta caiu dois terços, a porcentagem da renda que os 1% dos contribuintes que declaram mais pagaram em impostos federais sobre a renda e folha de pagamento aumentou em um terço.

Desde a década de 1960, o estado de bem-estar nos EUA tem sido constantemente expandido, de modo que a proporção da população que recebe pagamentos de transferência e a quantidade de pagamentos de transferência têm aumentado constantemente. Se, por um lado, levarmos em conta os impostos e, por outro, os pagamentos de transferência, fica claro que a real renda, ou seja, o que sobrou para o cidadão após impostos e pagamentos de transferência, é muito menor para os ricos e muito maior para aqueles de baixa renda.

Eu gostaria de acrescentar: na minha opinião, o debate sobre desigualdade é muito menos importante do que o debate sobre como erradicar a pobreza. No entanto, durante minhas viagens a esses países antes muito pobres, nunca conheci alguém que quisesse voltar a um tempo em que as pessoas eram mais igualmente pobres.

Nós sabemos de muitos países em que a luta contra a pobreza foi bem-sucedida e em que a desigualdade inicialmente aumentou de forma drástica – por exemplo, a China e o Vietnã. No entanto, durante minhas viagens a esses países antes muito pobres, eu nunca conheci alguém que quisesse voltar a um tempo em que as pessoas eram mais iguais, porém mais pobres.



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: